

RUBEM BRAGA

## O Compositor Wilson Batista

**W**ILSON BATISTA morreu pelas 11 horas da noite de domingo, dia 7 de julho, e foi enterrado segunda-feira, por volta das 6 da tarde, quando a lua cheia se erguia no céu, no Cemitério de Catumbi.

Só estive com Wilson uma vez; fui entrevistá-lo para a seção «Gente da Cidade» que eu tinha na revista «Manchete». Acho que tem algum interesse, para os estudiosos da música popular, e mesmo para o público, a pequena biografia que publiquei no número de 7 de agosto de 1954 naquela revista. Lá vai:

«Como Ataulfo Alves, o nosso herói da semana, Wilson Batista de Oliveira, foi um moleque descalço batendo «ferrinho» em banda de música do interior. Mas não em Minas, e sim na bela e orgulhosa Campos, do Estado do Rio.

Wilson nasceu em 1913, o pai era guarda municipal, o menino andou aprendendo umas coisas no colégio e foi um mau aprendiz de marceneiro no Instituto. Suas atividades mais importantes até os 15 anos foram tomar banho no Paraiba, pescar piabas e até trairas, assistir brigas de galo (o pai tinha vários «mestiços de indiano»), ver fita em série do Cinema Coliseu e, como já dissemos, bater «triângulo» acompanhando a «Lira de Apolo», do qual, desde os 19 anos, era maestro seu tio Ovídio, que tocava todos os instrumentos, compunha uns dobrados e morreu muito moço.

Aos 15 anos, Wilson vem para o Rio com a família; campista, ainda mais de côr, é gente despachada, e Wilson se infiltra pelos cafés da Praça Tiradentes, arranja um lugar de «claque» no Recreio (brilham Araci Côrtes e Margarida Max) é promovido a electricista e ajudante de contra-re-

gra. Mas o que o interessa não é o teatro, é a música; naquele tempo, em que o rádio é incipiente, é o teatro de revista que lança as músicas populares. Aos 16 anos, Wilson faz um samba, «Estrada da Vida», Luís Barbosa gosta e grava, Araci Côrtes canta no teatro com aquela voz fininha e linda. A letra «é tão triste que até parece espirita», confessa Wilson: «Todo homem carrega sua cruz na estrada da vida que é longa e sem luz...» Isso deu um dinheirinho.

Wilson pega um pandeiro ou um tamborim e funciona de «crooner» na orquestra do Romeu ou do Malaguta, defendendo «cachet» em bailes. De vez em quando mete um samba seu: «Por favor, vá embora — Ande, que já está na hora — Arrumei a sua mala — Me diga o que é que falta agora...» Benedito Lacerda faz a segunda parte, Patrício Teixeira grava. Quem o ajuda muito também é o português hoje falecido, Germano Augusto, a quem dá parceria, e que arranja para Carmem Miranda gravar «Quem foi que disse que eu não chero» e Almirante cantar «Barrulho no bôco».

A essa altura, ainda muito moço, teve uma discussão de samba com Noel Rosa que proveceu o famoso (contra Wilson) «Palpite Infeliz».

Cantando e compondo, Wilson vai para a frente; em 1936 forma com Erasmo Silva a «Dupla Verde e Amarelo», que canta na Tupi, e na Mayrink, excursiona pelo interior e vai ao Prata, fica dois anos em São Paulo e mais tarde teria uma nova fase que só terminaria há dois anos atrás. (Continua)

D N - 13.7.68